



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR  
Faculdade de Engenharia

**Recuperar o Coração**  
**Proposta de reabilitação urbanística e arquitetónica do**  
**Mercado 2 de Maio em Viseu.**

**Philippe Couto**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Arquitetura**  
(ciclo de estudos integrado)

Orientador: Prof. Doutor João Paulo Delgado  
Co-orientador: Prof. Doutor Clemente Pinto

**Covilhã, Setembro de 2017**

# Agradecimentos

Ao meu orientador, Professor Doutor João Paulo Delgado, por todo os conhecimentos transmitidos, pela competência, disponibilidade e ânimo.

Ao Professor Doutor Clemente Pinto, por todos os ensinamentos transmitidos e pela sua disponibilidade, apoio e esclarecimentos prestados na realização deste projeto.

Ao Viseu Novo SRU, em especial ao Arquiteto Fernando Marques, por toda a informação disponibilizada.

Á minha família, especialmente aos meus pais e irmãos, por sempre acreditarem nas minhas capacidades, pelo carinho, compreensão e estímulo.



## Resumo

A localização central privilegiada do Mercado 2 de Maio impulsionaria tanto o potencial a nível social, como económico da cidade de Viseu. No entanto, durante a última década, a utilização do antigo mercado de frescos tem vindo a decair.

É através de um calendário regular de eventos, que o plano de revitalização e dinamização do Centro Histórico - levado a cabo pela Câmara Municipal de Viseu - procura, desde 2014, devolver a vida ao mercado e oferecer os seus serviços à cidade 365 dias por ano.

A ausência de uma cobertura neste local tem marcado um obstáculo à dinamização do espaço e à realização de eventos ao longo do ano, devido à imprevisibilidade das condições climatéricas. Consequentemente, o leque de possibilidades face ao desenvolvimento do potencial do centro histórico é reduzido, levando ao empobrecer do aproveitamento das suas virtudes.

Assim, a instalação da cobertura procura o reavivar e dinamizar da praça histórica de Viseu, dotando-a das condições de usabilidade e conforto necessárias para a realização de eventos e mercados durante todo o ano. Além disso, impulsiona e fomenta a sustentabilidade dos negócios e atividades locais ali instalados, gerando expectativas para um futuro promissor.

## Palavras-chave

Revitalização; Cobertura; Mercado; Arquitetura; Viseu



## Abstract

The privileged central location of Mercado 2 de Maio would boost both the social and economic potential of the city of Viseu. However, during the last decade, the use of the old market of fresh has been declining.

It is through a regular calendar of events that the revitalization and dynamization plan of the Historic Center - carried out by the City Council of Viseu - seeks, since 2014, to return the life to the market and offer its services to the city 365 days a year .

The absence of a cover in this place has been an obstacle to the dynamism of the space and events throughout the year, due to the unpredictability of the weather. Consequently, the range of possibilities for the development of the potential of the historical center is reduced, leading to the impoverishment of the use of its virtues.

Therefore, the installation of the coverage seeks to revive and revitalize the historical square of Viseu, providing it with the conditions of usability and comfort necessary for holding events and markets throughout the year. In addition, it promotes and fosters the sustainability of the local businesses and activities installed there, generating expectations for a promising future.

## Keywords

Revitalization; Coverage; Mercado; Architecture; Viseu



# Índice

<b><u>CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO .....</u></b>	<b><u>1</u></b>
1.1 _ INTRODUÇÃO .....	1
1.2 _ OBJETIVOS .....	2
<b><u>CAPÍTULO II – A CIDADE DE VISEU .....</u></b>	<b><u>3</u></b>
2.1 _ LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA .....	3
2.2 _ CONDIÇÕES CLIMATÉRICAS .....	4
2.3 _ CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL .....	5
2.4 _ CARATERIZAÇÃO SOCIAL E POPULACIONAL .....	8
2.5 _ CARATERIZAÇÃO GERAL DO CENTRO HISTÓRICO .....	10
2.6 _ VISEU E O SEU CENTRO HISTÓRICO .....	13
<b><u>CAPÍTULO III – MERCADO 2 DE MAIO .....</u></b>	<b><u>14</u></b>
3.1 _ MERCADO 2 DE MAIO ENQUANTO MERCADO DE FRESCOS .....	14
3.2 _ MERCADO ENTREGUE A SIZA VIEIRA .....	16
<b><u>CAPÍTULO IV – RECUPERAR O CORAÇÃO .....</u></b>	<b><u>20</u></b>
4.1 _ A RECUSA DO JÁ AFIRMADO .....	20
4.2 _ SISTEMA CONSTRUTIVO .....	26
<b><u>CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</u></b>	<b><u>28</u></b>
<b><u>CAPÍTULO VI – BIBLIOGRAFIA .....</u></b>	<b><u>29</u></b>



## Lista de Figuras

**Figura 1** - Localização do distrito de Viseu no mapa de Portugal. (consultado em: <https://www.visitarportugal.pt>, em 2017.08.20) - Página 3;

**Figura 2** - Freguesias do concelho de Viseu pertencentes ao centro histórico. (consultado em: <https://www.visitarportugal.pt>, em 2017.08.20) - Página 3;

**Figura 3** - Mapa atual cidade de Viseu - implantação cava de Viriato e Centro histórico (consultado em: <https://www.googlemaps.pt>, em 2017.08.20) - Página 5;

**Figura 4** - Relação entre Centro histórico e cava Viriato. (consultado em: Viseu SRU em 2017.08.20) - Página 5;

**Figura 5** - Escultura de Viriato, Autoria de Marianno Benlliure, inaugurado em 1940. (consultado em: <https://www.arquivodigital.pt>, em 2017.08.20) - Página 6;

**Figura 6** - Cava de Viriato - Antigo acampamento octogonal . (consultado em: <https://www.skysrapercity.pt>, em 2017.08.20) - Página 6;

**Figura 7** - Porta dos Cavaleiros - Antiga Muralha da cidade. (consultado em: <https://www.skysrapercity.pt>, em 2017.08.22) - Página 7;

**Figura 8** - Porta do Soar - Antiga Muralha da cidade. (consultado em: <https://www.patrimoniocultural.gov.pt> em 2017.08.22) - Página 7;

**Figura 9** - Janela Estilo Manuelino - Rua da Boa Morte - Viseu . (em 2017.08.26) - Página 7;

**Figura 10** - Janela Estilo Manuelino - Rua Direita - Viseu. ( em 2017.08.26) - Página 7;

**Figura 11** - Expansão urbana em torno do Centro histórico. (consultado em : [googleimagens.pt](https://www.googleimagens.pt) em 2017-08-28) - Página 8;

**Figura 12** - Edifício séc. XIX - Construção mista (consultado em [www.cm-viseu.pt](http://www.cm-viseu.pt) em 2017-09-02) - Página 10;

**Figura 13** - Planta de Pisos - Página 10;

**Figura 14** - Praça D. Duarte - (consultado Guia para a Reabilitação do centro histórico de Viseu em 2017-09-02) - Página 11;

**Figura 15** - Edifício onde é aparente Reabilitação e a construção de um novo piso - consultado em: Guia para a Reabilitação do Centro Histórico de Viseu em 2017-09-02) - Página 11;

**Figura 16** - A importância do Largo da Sé, como local público - ( fotografia: evasões.pt 2017-09-02) - Página 12;

**Figura 17** - Mercado 2 de Maio entre 1880 e 1992 - ( fotografia: Postal - Arquivo digital em: 2017-09-02) - Página 15;

**Figura 18** - Praça 2 de Maio *in Album Viziense n<sup>o</sup>8, dez 1884* - ( consultado em: “Nova vida Mercado 2 de Maio - Exposição e Debate público, em: 2017-09-02) - Página 15;

**Figura 19** - Jornal de Noticias - “Mercado “2 de Maio” entregue a Siza Vieira - 1992.12.25 - (consultado em: ADUP FAUP - Recortes de imprensa 1987-2001 em 2017-09-10) - Página 16;

**Figura 20** - Mercado 2 de Maio entre 1880 e 1992 - ( fotografia: concurso Público de concepção para a Revitalização da Praça 2 de Maio, em Viseu em: 2017-09-02) - Página 17;

**Figura 21** - Fotografia aquando a reconstrução do Mercado. (fotografia cedida em: fotografia: concurso Público de concepção para a Revitalização da Praça 2 de Maio em 2017-09-10) - Página 17;

**Figura 22** - Mercado 2 de Maio, Montagem estrutura metálica, feira de Natal. (fotografia cedida em: fotografia: ruadireita.pt em: 2017-09-10). - Página 18;

**Figura 23** - Mercado 2 de Maio, como espaço amplo, no seu interior. (fotografia cedida em: fotografia: concurso Público de concepção para a Revitalização da Praça 2 de Maio em: 2017-09-10). - Página 18;

**Figura 24** - Mercado 2 de Maio, Montagem estrutura metálica, feira de Natal. (fotografia cedida em: fotografia: ruadireita.pt em: 2017-09-10). - Página 18;

**Figura 25** - Mercado 2 de Maio, “Espaço Central” de acordo com PDM Viseu. (consultado em: concurso Público de concepção para a Revitalização da Praça 2 de Maio em: 2017-09-10). - Página 19;

**Figura 26** - Diagrama- Alinhamento com fachada existente. - Página 22;

**Figura 27** - Diagrama- Justificação e origem da forma. - Página 22;

**Figura 28** - Diagrama- elementos destacados em fachada. - Página 22;

**Figura 29** - Diagrama- presença monótona no Alçado Sul (esquerda)e dinâmica no Alçado Este. (direita). - Página 22;

**Figura 30** - Diagrama- Renuncia declive e ao encastramento. - Página 23;

**Figura 31** - Camadas protagonizadas como uma evocação à “linha de reboco” e à “linha de azulejo” presente no edificado. - Página 23;

**Figura 32** - Balcão de inox, com cacifo, e possibilidades de encaixe das oito peças de contraplacado de madeira. - Página 24;

**Figura 33** - Possibilidade de estrutura para “palco” assim que agrupados. - Página 24;

**Figura 34** - Imagem atual do Mercado 2 de Maio. (consultado em: cm.viseu.pt em: 2017-09-15). - Página 25;

**Figura 35** - Nova imagem proposta, versão preto fundo, e branco fundo. - Página 25;

**Figura 36** - Alteração Rampa entre os dois patamares, e criação de duas torres, simétricas às existentes. - Página 26;

**Figura 37** - Sistema de encaixe de barras, através de nós esféricos. (consultado em: Mero\_knoten Grafik, em: 2017-09-20). - Página 26;

**Figura 38** - Sistema estrutural proposta. - Página 27;

...



## Lista de Gráficos

**Gráfico 1** - Evolução no concelho de Viseu desde o século XIX até ao século XX.  
(consultado em Diagnóstico social do Concelho de Viseu em 2017-08-28). - Página 8;

**Gráfico 2** - Evolução no concelho de Viseu desde o século XIX até ao século XX.  
(consultado em CENSO em 2017-09-02). - Página 9;



## Lista de Acrónimos

SRU	Sociedade de Reabilitação Urbana de Viseu, S.A.
EAPN	Rede Europeia Anti-Pobreza
INE	Instituto Nacional de Estatística
AE	Área de Estudo
PDM	Plano Diretor Municipal





# Capítulo 1 - Introdução

## 1.1 \_ Introdução

O antigo mercado, transformado hoje em “moderno” espaço comercial, reúne algumas lojas e cafés/restaurantes a um amplo espaço público. Ao contrário do passado, em que este se estabelecia como uma estrutura polarizadora da cidade e aglutinadora das práticas quotidianas dos habitantes, a apropriação deste espaço parece, atualmente, ser bastante limitada. Propriedade do Município de Viseu, situada no gaveto formado pela Rua Formosa e Rua Dr. Luís Ferreira (vulgarmente conhecida por Rua do Comércio), da União de Freguesias de Viseu. Após a reabilitação do antigo Mercado 2 de Maio (projeto do Arquiteto Álvaro Siza Vieira), há cerca de 15 anos, tem-se verificado que o espaço, particularmente o da plataforma inferior, voltado à Rua Formosa, tem estado subaproveitado, não tendo uma constante e desejável utilização por parte dos Municípios. A escassa utilização deste espaço tem-se restringido, unicamente, à realização de uma “Feira de Antiguidades”, com uma participação esporádica de um sábado por mês. Revitalizar esta Praça, atrair a população e criar novas dinâmicas, quer à Praça, quer à sua envolvente próxima é parte integrante do interesse do município. Tendo como mote o concurso público lançado em 2015 pela Câmara Municipal de Viseu para a revitalização do mercado 2 de Maio, a presente dissertação consiste na proposta de cobertura e revitalização do mesmo. Ao qual se elencam medidas de intervenção, focadas na otimização funcional da plataforma à cota inferior, na perspetiva de integrar a realização de mercados de proximidade, eventos culturais, espaços de atividade e na utilização anual da praça, menos dependente das condições climatéricas, cuja solução deverá passar pela execução de um elemento de cobertura transitável, integrado com as características do edificado local, elemento que, por si só, se possa constituir como um elemento icónico.

Nesse sentido, considera-se necessário proceder ao estudo do local, procurando-se novas soluções arquitetónicas/ construtivas, com o objetivo de aumentar a atratividade da Praça, motivando a população a deslocar-se ao local, com o intuito de se dinamizar o Centro Histórico de Viseu. Apresentada a problemática, definidos os objetivos e a estratégia metodológica, a dissertação organiza-se em seis capítulos, desenvolvidos de acordo com a sequência a seguir desenvolvida.

## 1.2 \_ Objetivos

A Praça 2 de Maio, matéria de estudo da presente dissertação, apresenta-se numa localização estratégica para fator dinamizador do centro histórico. Zona estratégica do centro urbano, inserida na malha da cidade, pretende-se que este equipamento se constitua como a “grande praça de eventos de Viseu” assim como, “agente aglutinador no desígnio de dinamização do Centro Histórico” (Concurso Público de Concepção para a Revitalização da Praça 2 de Maio, em Viseu).

Reinterpretar este momento urbano de forma consolidada com o edificado existente, de forma a solucionar formas de intervenções capazes de criar condições favoráveis para a potencialização de uma resposta adequada às novas expetativas da vida coletiva.

Estimular novas formas de vivência e apropriação cívica da cidade, de forma a encorajar a reativação de velhos usos e dinamizar a promoção de novos eventos. Tais como o turismo cultural centrado na difusão e no aproveitamento económico do património.

Dada a sua localização, a Praça em estudo deve contribuir para o fortalecimento das inter-relações entre a zona do Rossio e com a zona histórica.

Pretende-se que seja um espaço de uso multifuncional, numa lógica de promoção de produtos regionais, bem como eventos de outra natureza, designadamente culturais.

## Capítulo II - A cidade de Viseu

### 2.1 \_ Localização geográfica

Capital de Distrito, Viseu localiza-se na região centro de Portugal, na sub-região Dão-Lafões. O seu concelho conta com cerca de 100 046 habitantes (Portada - Base de dados Portugal Contemporâneo). Limitado a norte por Castro Daire, a Este por Sátão e Penalva de Castelo, a Sul por Carregal do Sal, e a Oeste por Vouzela, o concelho de Viseu contém uma área aproximadamente de 502,20km<sup>2</sup>, e conta com 34 freguesias, sendo que 12 são essencialmente urbanas, das quais 3 constam no centro histórico da cidade (EAPN 2007). (ver figura 1 e 2).

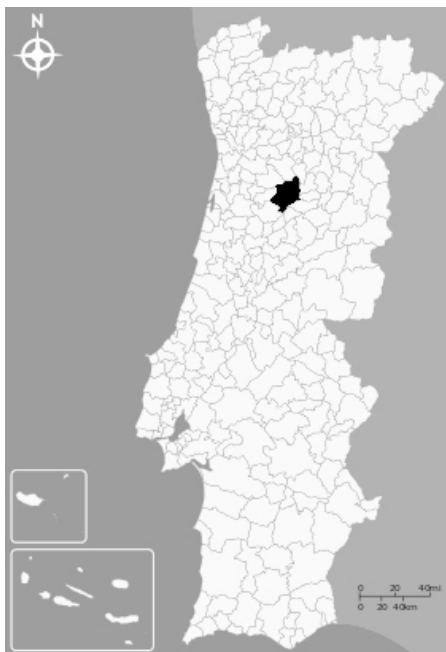


Figura 1 - Localização do distrito de Viseu no mapa de Portugal. (consultado em: <https://www.visitarportugal.pt>, em 2017.08.20)



Figura 2 - Freguesias do concelho de Viseu pertencentes ao centro histórico. (consultado em: <https://www.visitarportugal.pt>, em 2017.08.20)

Viseu assume uma posição central na sua delimitação, quer do concelho, quer do distrito, e é atravessado por quatro rios, Vouga, Dão, Paiva e Pavia (EAPN 2007). Relativamente aos acessos, nomeadamente às redes viárias, o concelho está ligado ao Porto pela A25/ A1 e a Lisboa pela A1/IP3, conta também a A24 que permite fácil acesso ao interior norte do país, assim como a A25 com acesso à cidade da Guarda. Após abandono da rede ferroviária em 1990 a estação mais próxima localiza-se em Mangualde, a cerca de 20km de distância da Cidade de Viseu.

## **2.2 \_ Condições climatéricas**

Entre o Norte e o Centro de Portugal, Viseu “enclausurada” pelas Serras da Estrela, Buçaco, Montemuro, Caramulo e Leomil, conta com um clima mediterrânico sobre influencia continental e marítima (Concurso Público de Conceção para a Revitalização da Praça 2 de Maio, em Viseu). O clima este, é caracterizado por invernos rigorosos, com temperaturas médias mensais entre os 6°C/ 9°C a 10°C, húmidos, com uma precipitação total de cerca de 499,4mm, e relativamente ventosos, em especial no mês de janeiro. O Verão, quente e seco, com máximas entre os 22° a 25°C e os 30° a 33°C. O Outono é húmido e fresco, com bastante precipitação especialmente concentrada nos últimos dois meses da estação. (meteoviseu.com consultado em 2017-08-21)

## 2.3 \_ Contextualização histórica e cultural

### 2.3.1 \_ Enquadramento histórico

Cidade de Viseu, tipicamente Portuguesa, implantada num planalto, fator desencadeador para o seu começo e desenvolvimento de vida ao qual nos remete à pré-história, entre os séculos IV e III a.C., Historiadores e geógrafos tentaram desmistificar as origens de Viseu, e a sua evolução formal, ao qual não existem certezas. Sabe-se que em 1058 a já, cidade na época, teria sido conquistada aos mouros, por D. Fernando, Rei de Leão e Castela<sup>1</sup>. (Guia para a Reabilitação do centro histórico de Viseu).

“Obra dos romanos” fundada há cerca de cem anos antes de cristo, segundo Botelho Pereira<sup>2</sup>, que fundamenta a teoria que nesta época a cidade composta por dois núcleos, um situado na colina da Sé e o outro na baixa da Regueira. Fatores que facilitavam a circulação de pessoas e bens devido às vias romanas, situadas na zona mais baixa. Assim como, a colina da Sé devido ao seu caráter defensivo. Ambos determinantes para a fixação da população. (ver figura 3 e 4)



Figura 3 - Mapa atual cidade de Viseu - implantação cava de Viriato e Centro histórico (consultado em: <https://www.googlemaps.pt>, em 2017.08.20)

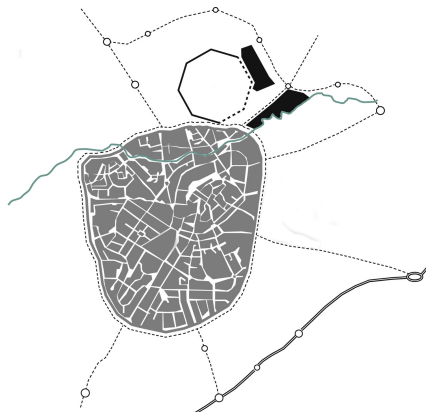


Figura 4 - Relação entre Centro histórico e cava Viriato. (consultado em: Viseu SRU em 2017.08.20)

1

<sup>1</sup> D. Fernando Rei de Leão e Castela - filho de D. Sancho III de Navarra e de Infanta Maior de

<sup>2</sup> Botelho Pereira - Manuel Botelho Pereira, Primeiro cronista de Viseu, autor de uns *Diálogos e Políticos escritos entre 1630 e 1636*.

Acredita-se que na zona da Regueira, terá sido criado um acampamento octogonal, denominado por Cava de Viriato<sup>2</sup>, como função defensiva, permitindo o controlo de quem entrava e saía da cidade, devido à importância da sua artéria viária. Desta forma, Viriato surge associado a Viseu, caçador, pastor, e posteriormente chefe lusitano. (Ver figura 5 e 6)

Cronologicamente, no século VI (domínio dos Visigodos) Viseu torna-se sede de diocese, que posteriormente no século seguinte sofre múltiplos ataques contra os cristãos.

Vestígios medievais remetem-nos para o que se acredita serem traços da presença de D. Henrique<sup>3</sup> e D. Teresa<sup>4</sup> (Guia para a Reabilitação do centro histórico de Viseu).

As primeiras aglomerações de população foram se criando em redor da Sé, delineando assim as atuais Rua direita e Rua Escura. Aquando o Reinado de D. Fernando, a Colina da Sé afirmava-se como zona central, consequência aglutinadora de sua importância religiosa.

Durante o século XII, a cidade foi alvo de inúmeros investimentos por parte dos Bispos, permitindo a construção de um vasto património Viseu, passa então, a um importante centro artístico e comercial.



Figura 5 - Escultura de Viriato, Autoria de Marianno Benlliure, inaugurado em 1940. (consultado em: <https://www.arquivodigital.pt>, em 2017.08.20)



Figura 6 - Cava de Viriato - Antigo acampamento octogonal . (consultado em: <https://www.skysrapercity.pt>, em 2017.08.20)

<sup>2</sup> Cava de Viriato – Século II ou I a.C. Obra de engenharia Militar de cronologia medieval; Atribuição de monumento Nacional em 1910. (consultado em: [cm.viseu.pt](http://cm.viseu.pt) em 2017-08-22).

<sup>3</sup> D. Henrique – Conde de Borgonha, Pai de D. Afonso Henriques, 1º Rei de Portugal. (consultado em [arqnet.pt](http://arqnet.pt) em 2017-08-22)

<sup>4</sup> D.ª Teresa de Leão – Nasceu em 1080, filha bastarda de Afonso VI, Rei de leão e Castela. Entregue em casamento a Henrique de Borgonha. (consultado em [Históriadeportugal.info](http://Históriadeportugal.info). em 2017-08-22)

No reinado de D. João I<sup>5</sup>, século XIV, com as constantes tentativas de invasões castelhanas, este manda erigir uma muralha defensiva, restando nos dias de hoje, duas das sete portas originais - Porta dos Cavaleiros (ver figura 7 e 8) porta do Soar.

No seguimento do século XVI, destinadas construções situadas nas ruas circundantes da Sé terão sido alvos de reformas ao estilo manuelino, evidente em algumas janelas e portas. (ver figura 9 e 10). Também a casa onde consta ter nascido o Rei D. Duarte<sup>6</sup>, localizada na praça com o mesmo nome, terá sofrido alterações nesse período. Também nesse mesmo período o pintor, Vasco Fernandes<sup>7</sup> (Grão Vasco), realiza as suas obras, que hoje podem ser admiradas no Museu Grão Vasco e em igrejas da zona. (Viseu Novo SRU)

Já no século XVII a cidade enfrenta um temporal causador de inúmeros danos na maioria das habitações, obrigando assim à reformulação da cidade, onde o Rossio ganha a sua importância, afirmando-se no século XIX com a construção do edifício da Câmara municipal, como novo centro que através da Rua Formosa (acesso principal) permite a ligação com o centro histórico.

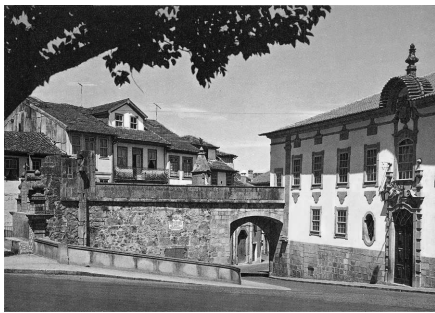


Figura 7 - Porta dos Cavaleiros - Antiga Muralha da cidade. (consultado em: <https://www.skyscrapercity.pt>, em 2017.08.22)



Figura 8 - Porta do Soar - Antiga Muralha da cidade. (consultado em: <https://www.patrimoniocultural.gov.pt> em 2017.08.22)



Figura 9 - Janela Estilo Manuelino - Rua da Boa Morte - Viseu . (em 2017.08.26)



Figura 10 - Janela Estilo Manuelino - Rua Direita - Viseu. ( em 2017.08.26)

<sup>5</sup> D. João I – Nasceu em Lisboa, 11 de Abril de 1357, faleceu a 14 de Agosto de 1433. Décimo Rei de Portugal e primeiro da Dinastia Avis. (consultado em: [www.mosteirodabatalha.gov](http://www.mosteirodabatalha.gov) em 2017-08-26)

<sup>6</sup> Rei D. Duarte - “o Eloquentes”, “Rei-Filósofo” Rei de Portugal Nascido a 31 Outubro de 1391 em Viseu.

<sup>7</sup> Grão Vasco – Nascido a 1475, falecido a 1542. Considerado o principal nome da pintura portuguesa quinhentista. (consultado em: [www.arqnet.pt](http://www.arqnet.pt) em 2017-08-26)

## 2.4 \_ Caraterização social e populacional

A cidade de Viseu, desenvolveu-se maioritariamente em redor da Cava de Viriato e da Sé. Consta-se que por volta do século XVI havia mais população no exterior das muralhas que no recinto por elas criado (ver figura 11). Quando assinado o novo foral<sup>8</sup> de Viseu, em 1513, a cidade encontrava-se em plena expansão demográfica, em 1527 registava-se um com cerca de 2 200 habitantes. durante três séculos o aumento da população registou valores mais ou menos constantes. O mesmo não aconteceu durante o século XIX em que se desmarcou acrescentando o valor para cerca de 60% (Guia para a Reabilitação do centro histórico de Viseu). Este século marcava também uma fase de transição, em que o concelho passou de uma sociedade completamente dedicada ao setor primário, mais propriamente ao da agricultura, para uma sociedade ligada à atividade comercial, esta que atuava fundamentalmente no mercado. Contudo, estabelecida de forma lenta ,onde perdurou o domínio da agricultura que continuou a dominar todos os setores até meados do século XX. (Diagnóstico Social do Concelho de Viseu)

As primeiras décadas do século XX foram marcadas por índices demográficos inversos ao que pensava ser uma constante, devido às epidemias e à 2ª guerra mundial os valores apresentaram uma diminuição significativa. Restabelecidos na década de 70 devido à diminuição da emigração e do regresso da população presentes até então nas ex-colónias. Fator determinantes para um desenvolvimento económico favorável à criação de novos postos de trabalho. (ver Gráfico 1)



Figura 11 - Expansão urbana em torno do Centro histórico. (consultado em : googleimagens.pt em 2017-08-28)



Gráfico 1 - Evolução no concelho de Viseu desde o século XIX até ao século XX. (consultado em Diagnóstico social do Concelho de Viseu em 2017-08-28)

<sup>8</sup> Foral – Documento emanado do monarca, pelo qual se constituía o concelho, regulava a sua administração, e se indicavam os seus limites e privilégios. (consultado em: Infopedia.pt em 2017-08-26).

Como consequência da melhoria das condições de habitabilidade, e conforto proporcionadas pelos novos espaços urbanos, notou-se uma crescente expansão demográfica, que se continuou a observar na década seguinte. Ancorado por iniciativas locais que deram resposta a estímulos, internos e externos, a região soube desenvolver-se em torno dos setores mais procurados até então, de madeiras, e de metalomecânica ligeira, fatores propícios para índices demográficos positivos. Possuidora de uma riqueza inestimável, a região possuía recursos naturais, mão-de-obra, atividade no setor têxtil e vestuário.

Em 2001, a estrutura etária da população apresentava valores equilibrados, destacando-se a faixa etária entre os 25-64anos de idade com uma percentagem de 52,4 % representando uma população maioritariamente ativa. Nesta ultima década segundo os dados dos (censos 2011) o município de Viseu sofreu um crescimento da população residente de aproximadamente 7% - 100 046 habitantes, sendo o único município do distrito a apresentar uma variação positiva (ver gráfico 2) e a segunda cidade do centro do país com mais população. De salientar que duas das Freguesias (S. José e Sta. Maria) que fazem parte do centro histórico da cidade têm vindo a perder população com um decréscimo entre os 10% a 2%. Apenas uma freguesia do centro (Coração de Jesus) apresenta um aumento positivo entre os 20%. (Diagnóstico Social do Concelho de Viseu)

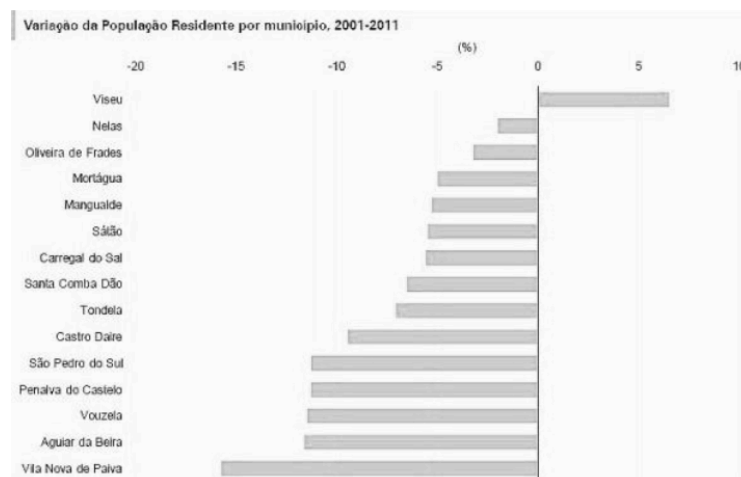


Gráfico 2 - Evolução no concelho de Viseu desde o século XIX até ao século XX. (consultado em CENSO em 2017-09-02)

## 2.5 \_ Caraterização geral do centro histórico

O espaço que hoje designamos por centro histórico, propulsor de uma densidade considerável de construção, alberga uma complexa variedade de edifícios, diferenciados pelas funções, nível social, mas também pela época em que eram erguidos ou adulterados. Participam neste contexto, edifícios históricos, como templos e outros ligados à igreja, lado a lado com habitações senhoriais, burguesas, medianas e pobres, divergentes no contexto cronológico. No decorrer do tempo, e de modo a responder às necessidades que se tornavam necessárias à vida em sociedade das sucessivas gerações, desde domínios religiosos, às habitações senhoriais ou as habitações correntes, foram forçadas a albergar novas funções, que despoletaram o aproveitamento de construções pré-existentes, ou mesmo, por vezes, à demolição para se construírem de novo. A fim de, solucionar a atividade do comércio, motor de desenvolvimento em Viseu (Guia para a Reabilitação do centro histórico de Viseu).

### 2.5.1 \_ Análise do edificado

De forma a definir o edifício em relação ao seu aproveitamento residencial, comercial e misto ou institucional. E no seguimento das características principais da época, em que se observou no centro histórico o predomínio do comércio no rés-do-chão, verificou-se um elevado número de edificado de uso misto. (ver figura 12)

Construções de utilização exclusivamente residencial, e de uso meramente institucional apenas em algum caso pontual, são passíveis de serem encontrados.

Analisada a planta de pisos, é de salientar a existência de edifícios relativamente altos, em destaque os que possuem 3 a 4 pisos ( ver figura 13). O rés-do-chão apresenta o pé direito mais elevado, cerca de 3 metros.

Muitas construções apresentam um ultimo andar alvo de um acrescento, recuado em relação aos restantes.



Figura 12 - Edifício séc. XIX - Construção mista (consultado em [www.cm-viseu.pt](http://www.cm-viseu.pt) em 2017-09-02)

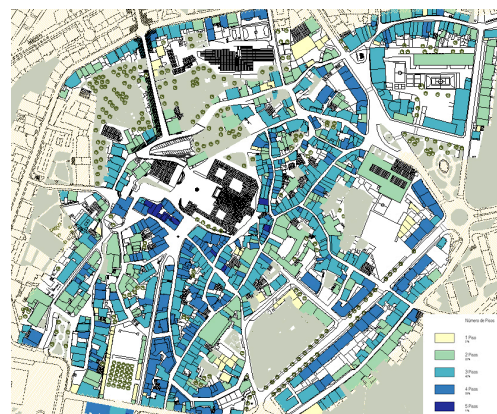


Figura 13 - Planta de Pisos

O edificado caracteriza-se por frentes urbanas estreitas, com cerca de 3 metros de largura de rua, desenvolvendo-se maioritariamente em profundidade (cerca de 20 metros).

Construções anteriores ao século XX, registam áreas bastante reduzidas. Consequência de uma planta organizada em profundidade, em muitas cozinhas e instalações sanitárias, é notória a falta de iluminação natural.

De forma a evitar esta problemática, construções atuais fazem-se dotar de áreas mais razoáveis, resultado do ajuntamento de dois ou mais lotes (Guia para a Reabilitação do centro histórico de Viseu).

Respetivamente aos materiais regista-se um uso intensivo de granito, efeito dos recursos presentes na região. A nível estrutural as paredes mestras são constituídas em alvenaria de pedra, pisos intermédios constituídos em madeira, a cobertura com estrutura em madeira e telhas cerâmicas e os telhados estabelecidos com duas ou mais águas. (Guia para a Reabilitação do centro histórico de Viseu).

## 2.5.2 \_ Identificação Análise dos espaços públicos

O centro histórico é dotado de alguns espaços que se podem definir como espaços públicos, devido às características e dimensões. Estes são resultantes da elevada densidade construtiva da zona histórica, de modo que a Praça D. Duarte, o Largo da Misericórdia e o Largo da Sé resultam como pontos “quebra” entre o edificado. (ver figura 14 )

Começar pela praça D. Duarte, onde se encontram edifícios de origem medieval, as quais algumas fachadas sofreram restauro a partir do século XVIII até aos nossos dias, as cercas das habitações rondam entre 3 a 4 pisos. Ponto de convergência entre várias entradas, assume uma área de cerca de 1900m<sup>2</sup> (ver figura 15)



Figura 14 - Praça D. Duarte - (consultado Guia para a Reabilitação do centro histórico de Viseu em 2017-09-02)



Figura 15 - Edifício onde é aparente Reabilitação e a construção de um novo piso -consultado em: Guia para a Reabilitação do Centro Histórico de Viseu em 2017-09-02)

A zona caracteriza-se por ser maioritariamente residencial de ocupação constituída na grande parte por uma classe média baixa. Consequência da sua função como espaço público aberto, este quase sempre inutilizável devido a afluência de carros estacionados.

A importância do Largo da Sé como local público, define-se, não só pela sua dimensão como também, pelos edifícios que o comportam, nomeadamente, a Igreja da Sé, o Museu Grão Vasco e a igreja da misericórdia (ver figura 16) sendo este o ponto mais elevado de todo o centro histórico, onde todas as ruas convergem, este inibe a sensação de clausura presente no que é característico das zonas históricas.

O largo da Misericórdia complementa o largo da Sé, enriquecendo-o com uma pequena componente comercial.



Figura 16 - A importância do Largo da Sé, como local público - ( fotografia: evasões.pt 2017-09-02)

## 2.6 \_ Viseu e o seu centro histórico

O Começo do burgo<sup>9</sup> Viseu, tal como a conhecemos hoje, deve-se à sua privilegiada localização, capaz de se auto-sustentar, servido pelas vias mais importantes, e como tal conferindo a prosperidade e o controlo do território.

Desde a alta Idade Média, era constante a presença de Reis e Cortes, e a participação ativa das instituições religiosas, ambos, dinamizadores na vida da cidade. (concurso Público de conceção para a Revitalização da Praça 2 de Maio, em Viseu)

Circundada por muralhas de intuito defensivo desde o seu período medieval, e sem nunca ter sofrido significativas alterações ao longo do tempo, a muralha manteve a sua morfologia inicial, devido ao crescimento extramuros só ter acontecido a partir dos séculos XVIII e XIX.

O núcleo central agia como aglutinador de todas as suas funções, e o principal agente económico eram as trocas comerciais. A região envolvente era maioritariamente agrícola. Bem presente nos dias de hoje, o traçado viário recorda a antiga urbe<sup>10</sup> medieval, apenas algumas modificações foram introduzidas de modo a alargar e endireitar as ruas mais estreitas e sinuosas. As habitações presentes, testemunham várias épocas distintas. As suas portas e janelas manuelinas, marca, períodos de transição entre os séculos XV e XVI. Também como parte íntegra do local, os edifícios de carácter comercial, administrativo ou institucionais e edifícios burgueses pertencem ao século XIX. (Guia para a Reabilitação do centro histórico de Viseu).

A identidade deste espaço caracteriza-se pela contenção na escala dos lotes e no volume dos edifícios, e o uso de materiais tradicionais, onde o granito e os telhados são predominantes, e pela prática de elementos construtivos comuns, como as cantarias, as cornijas e os vãos, fazem do conjunto edificado uma unidade coesa que age como fator diferenciador e único, que acentua o encanto que o centro histórico proporciona.

A criação de um novo “coração” - cívico e não religioso, (contrastando com a anterior expansão sofrida), acontece no século XIX, para Sul e Poente, deixando esbatida a antiga “fronteira” do centro histórico.

Notória também, é a decadência do comércio tradicional, devido a práticas comerciais realizadas pelas grandes superfícies, situadas na periferia do próprio centro. Como fator diferenciador, além da competitividade dos preços, a acessibilidade pesa substancialmente a seu favor.

O evidente declínio da componente residencial desde há alguns anos, e as dificuldades de circulação do trânsito automóvel e de estacionamento, geram também, obstáculos para os utentes do centro histórico.

---

<sup>9</sup> Burgo do latim “burgus” que significa “pequena fortaleza, povoada” Os burgos surgiram na baixa idade Média, na época da decadência feudal e crescimento comercial e urbano (consultado em: dicionariportugues.org em 2017-09-05).

<sup>10</sup> Urbe, designação de um meio geográfico e social definido por uma grande concentração de população e uma enorme quantidade de serviços. (consultado em: léxico.pt em 2017-09-05)

## Capítulo III - Mercado 2 de Maio

### 3.1 \_ Mercado 2 de Maio enquanto Mercado de frescos

Apelidado como “Praça 2 de Maio”, este foi o mercado que serviu Viseu durante mais de cem anos. Um espaço marcado pelo cunho da história ao qual se desconhece o Autor. “2 de Maio” de 1834 que particulariza um fator denominador para a cidade, em que esta protagonizou a entrada vitoriosa das tropas chefiadas pelo Primeiro Duque da Terceira, António José Manuel e Meneses Severim de Noronha<sup>11</sup>, após derrota sobre os Miguelistas<sup>12</sup>.

Construído entre 1879 e 1880, funcional até ao ano de 1992, o Mercado Municipal de Viseu funcionou na Praça 2 de Maio. Desativado na sequência da entrada em funcionamento do que passava então a ser o novo mercado municipal, devido ao mesmo não conseguir albergar, com as devidas condições todos os comerciantes que aí exerciam a sua atividade comercial, devido ao seu elevado estado de degradação (concurso Público de concepção para a Revitalização da Praça 2 de Maio, em Viseu).

O recinto do mercado, apresentava características arquitetónicas de significativa qualidade, as quais justificavam a sua preservação e requalificação. Constituía além disso, um espaço livre, de grande interesse urbano, situado em pleno Centro Histórico, tendo sido neste sentido objeto de bastante afluência, confirmando a sua vocação como espaço de troca, lazer e cultura.

Constituído por duas plataformas retangulares, cujas cotas variam aproximadamente em cinco metros, sendo a plataforma norte a mais elevada. O conjunto era delineado por edificações contínuas a poente, sul e nascente, que respetivamente confrontavam com a Rua Formosa, e Rua do Comércio, estabelecendo frentes comerciais em funcionamento.

As edificações a poente abrigavam locais integrantes do mercado, tal como os cobertos centrais de proteção das bancas de venda, protegidas por uma cobertura de quatro águas com telha cerâmica e estrutura mista de pilares metálicos e asnas de madeira, criando uma sequência de edificações interrompidas na separação altimétrica entre as plataformas. (ver figura 17 e 18)

---

<sup>11</sup> António José de Sousa Manoel de Meneses Severim de Noronha, 7º Conde e 1º Marquês de Vila Flor, 1º Duque da Terceira. Nascido em Lisboa, 18.03.1792 e falecido a 26.04.1860. (consultado em [geneall.net](http://geneall.net) em 2017-09-06)

<sup>12</sup> Miguelista é o nome dado na historiografia Portuguesa aos apoiantes do chamado Miguelismo, dos que lutaram pela legitimidade permanente do Rei. D. Miguel I de Portugal no trono de Portugal. (consultado em: [dicionarioportugues.org](http://dicionarioportugues.org) em 2017-09-09).



Figura 17 - Mercado 2 de Maio entre 1880 e 1992 - ( fotografia: Postal - Arquivo digital em: 2017-09-02)

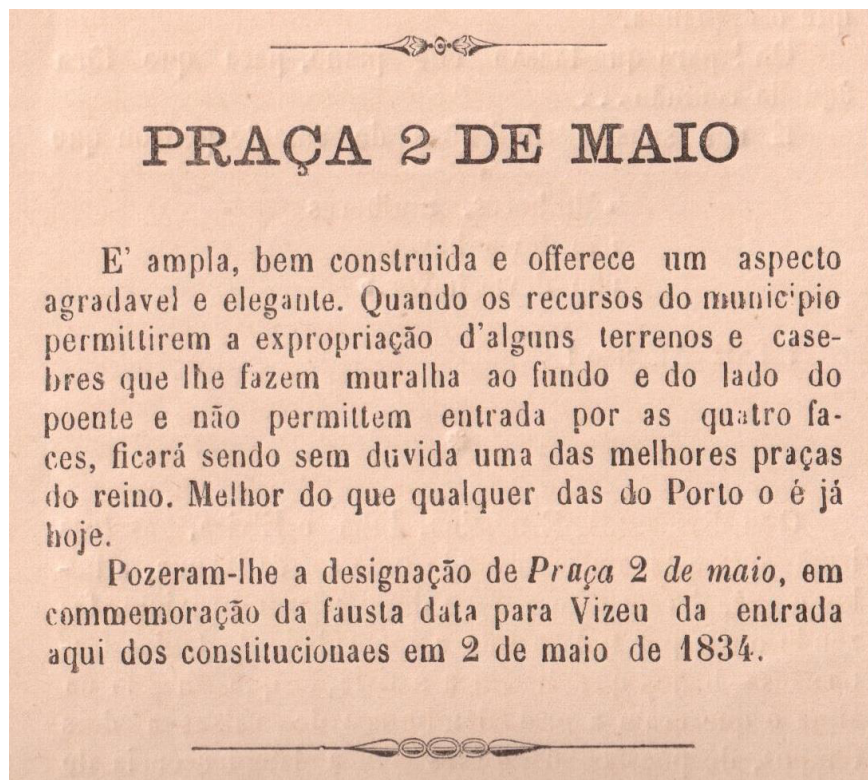


Figura 18 - Praça 2 de Maio in *Album Viziense nº8, dez 1884* - ( consultado em: "Nova vida Mercado 2 de Maio - Exposição e Debate público, em: 2017-09-02)

### 3.2 \_ Mercado entregue a Siza Vieira

A fim de preconizar, uma réplica da praça Grande de Salamanca, Espanha, e devido à entrada em funcionamento do novo mercado “21 de Agosto”, como mercado de frescos. O Mercado 2 de Maio remeteu-se ao devoluto. A autarquia, na pessoa de Dr. Fernando Carvalho Ruas, presidente da câmara municipal, convidou o Arquitecto Álvaro Joaquim de Melo Siza Vieira com o intuito de catalisar o melhor aproveitamento para o Mercado municipal 2 de Maio, de forma a permitir aos viseenses a usufruição de um centro cívico “encrustado” no ponto mais central da cidade

Posta de lado a possibilidade de a realização de um concurso de ideias, na óptica do autarca muito mais dispendiosas (Jornal Diário de Notícias 1992.12.25), (figura 19). O projeto manteve-se longe dos focos da opinião pública, apenas revelado após aceitação por parte do Arquitecto Siza Vieira, que se comprometeu em aproveitar ao máximo a volumetria do mercado, “sem pôr em causa o enquadramento necessariamente a ter em conta numa zona de acesso à parte histórica da cidade de Viseu” (Arquitecto Siza Vieira). Espaços verdes, esplanadas, lojas e uma zona para aparcamentos na parte superior do mercado, com entrada pela Rua do Comércio foram também enunciadas pelo arquitecto.



Figura 19 - Jornal de Notícias - “Mercado “2 de Maio” entregue a Siza Vieira - 1992.12.25 - (consultado em: ADUP FAUP - Recortes de imprensa 1987-2001 em 2017-09-10).

Finalizada a sua construção em 2002, surge como espaço amplo no seu interior, livre de qualquer construção, após demolição dos cobertos centrais devido ao elevado estado de degradação. As construções mantidas seriam alvo de restauro na sua íntegra.

Cada uma das plataformas especialmente caracterizada (ver figura 20)

A plataforma sul, à cota média de 101. As edificações confrontadas com a Rua Formosa seriam demolidas, repondo a vedação transparente em ferro semelhante à construção original. Ao longo das duas alas de construção previamente existentes o piso passaria a empedrado de granito. A plantação de árvores determinaria um teto protetor contínuo e permanente. Respetivamente ao piso, este na sua grande maioria seria pavimentado a saibro, onde se instalou uma rede de repuxos de água em circuito semifechado, de modo a melhorar as condições climáticas durante o Verão (ver figura 21).

A plataforma norte, à cota média de 106, seria pavimentada com empedrado de granito e hoje dispõe de algum mobiliário ao serviço dos estabelecimentos de lazer. Uma nova ligação entre as duas plataformas surgiu, através de duas escadas simetricamente colocadas em relação ao eixo longitudinal do recinto.

A transformação proposta implicou numa redistribuição de alguns locais comerciais, nomeadamente os que se encontravam sobre a Rua Formosa, transferidos para a ala confinante a poente. Onde atualmente atuam.

As cores e materiais utilizados na construção, quer nos parâmetros exteriores, quer nas caixilharias de madeira, respeitaram o original edificado, mantendo a cor rosa nos paramentos e verde nos madeiramentos.



Figura 20 - Mercado 2 de Maio entre 1880 e 1992 - ( fotografia: concurso Público de conceção para a Revitalização da Praça 2 de Maio, em Viseu em: 2017-09-02)



Figura 21 - Fotografia aquando a reconstrução do Mercado. (fotografia cedida em: fotografia: concurso Público de conceção para a Revitalização da Praça 2 de Maio em 2017-09-10).

### 3.2.1 \_ Contexto atual

No decorrer dos anos, a plataforma à cota superior (a Norte), hoje, uma grande esplanada aberta, onde atuam diversos bares que ali funcionam, servidos por instalações sanitárias que servem o equipamento, e também um pequeno palco onde esporadicamente se realizam alguns concertos. A praça, à cota inferior dispõe de algum equipamento urbano, nomeadamente bancos em granito, e contém 34 árvores (magnólias), (Ver figura 23).

Ao inverso da plataforma à cota superior, que dispões de alguma animação, a plataforma inferior tem sido um espaço sem qualquer função ou utilização ativa permanente. Face à problemática, o município tem ao longo dos últimos anos, optado por uma solução que passa por tendas de toldo branco de estrutura metálica, montadas e desmontadas esporadicamente consoante calendário de eventos. (ver figura 21 e 23).



Figura 22 -Mercado 2 de Maio, Montagem estrutura metálica, feira de Natal. (fotografia cedida em: fotografia: ruadireita.pt em: 2017-09-10).



Figura 23 -Mercado 2 de Maio, como espaço amplo, no seu interior. (fotografia cedida em: fotografia: concurso Público de conceção para a Revitalização da Praça 2 de Maio em: 2017-09-10).



Figura 24 - Mercado 2 de Maio, Montagem estrutura metálica, feira de Natal. (fotografia cedida em: fotografia: ruadireita.pt em: 2017-09-10).

De modo a combater esta carência o Município pretende o desenvolvimento de uma solução que sirva como ponto dinamizador, de forma a atrair pessoas ao espaço, e conferir uma nova dinâmica, quer à praça, quer à sua envolvente próxima, como outrora se caracterizava enquanto Mercado Municipal.

“De acordo com O Plano Diretor Municipal de Viseu (Aviso nº 12115/2013 de 30/09) a áreas de intervenção enquadra-se no “Espaço Central”, conforme os seus artigos 69.º, 70.º e 71.º e a imagem seguinte. “ (PDM - Viseu).

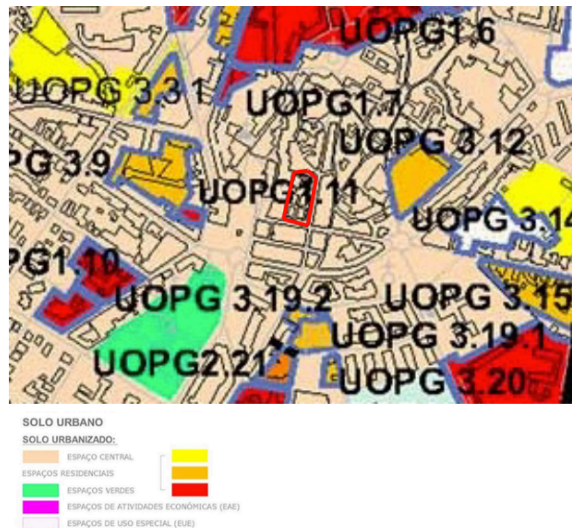


Figura 25 -Mercado 2 de Maio, “Espaço Central” de acordo com PDM Viseu. (consultado em: concurso Público de conceção para a Revitalização da Praça 2 de Maio em: 2017-09-10).

A praça por se encontrar dentro dos limites da Zona de proteção à Janela Manuelina da Rua D. Duarte (Monumento Nacional, Decreto de 16-06-1910), deverá cumprir condicionantes administrativas específicas. De grande importância também, referir que o seu limite norte coincide com a zona delimitada da Zona Especial de Proteção à Sé e antigo edifício do Seminário - Viseu (Decreto de 16/06/1910 - DG 2ª Série nº 42 de 9/02). (Guia para a Reabilitação do centro histórico de Viseu).

“No seguimento, do acordo com o previsto na alínea c) do nº 1 do artigo 18º do plano Diretor Municipal de Viseu “Nas zonas de proteção de bens imóveis em vias de classificação ou classificados como de interesse nacional ou de interesse público, as operações urbanísticas, admissão de comunicação prévia ou autorização de utilização previstas no regime jurídico de urbanização e edificação, carecem de prévio parecer favorável do órgão legalmente competente da admissão do património cultural”, neste caso, da Direção Regional da Cultura do Centro. “ (Plano Diretor Municipal de Viseu - consultado em: Guia para a Reabilitação do centro histórico de Viseu em: 2017-09-08).

## Capítulo IV - Recuperar o coração

### 4.1 \_ A recusa do já afirmado

A cidade como lugares de memória, caracterizada por pessoas e elementos estruturais que evocam saberes e práticas desaparecidas ou em extinção. Descrita por espaços que realçam todas as comunidades que por ali passaram e/ou permaneceram, mas também todas as atividades que naturalmente se desenvolvem no núcleo urbano.

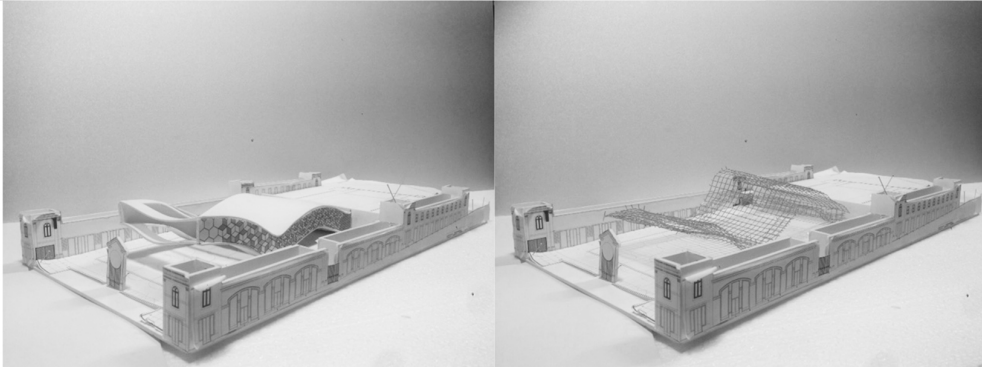
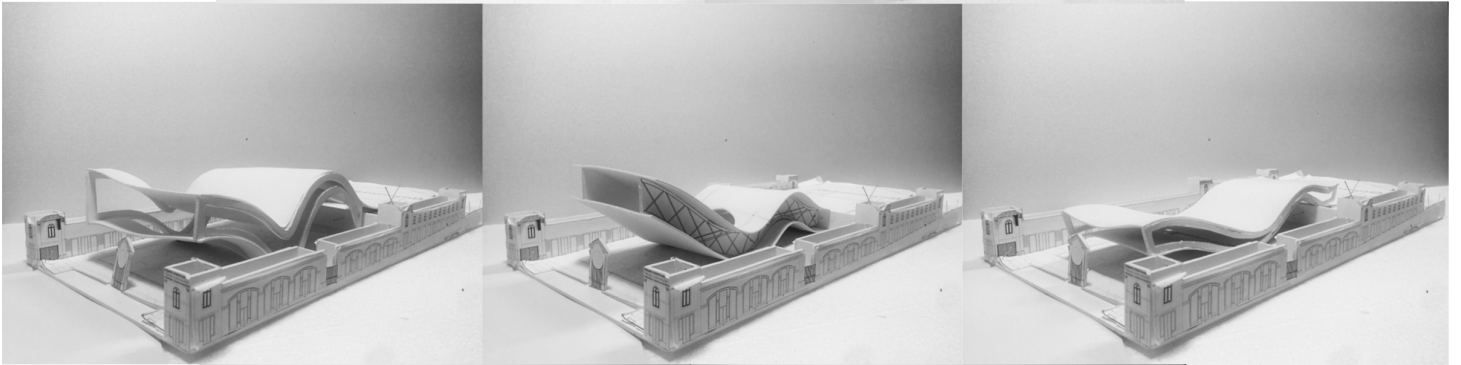
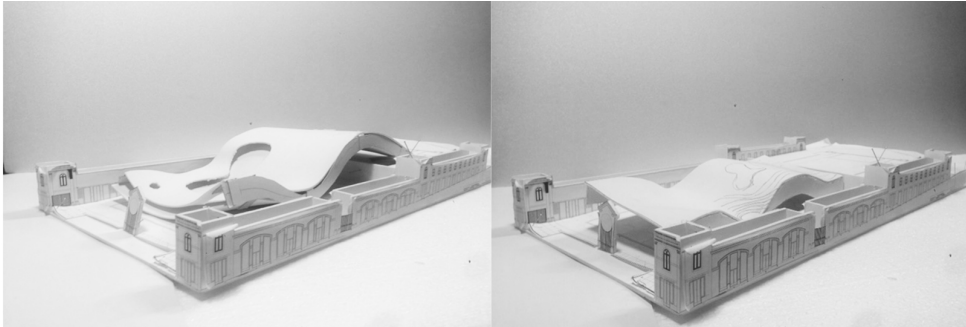
Descrito por ser um lugar físico do Presente que nos remete para um Passado desconhecido. O centro histórico carece hoje de um sinal de vitalidade, um desafio à coragem, face ao conformismo e à timidez de um lugar como O Mercado 2 de Maio, carregado de História.

Tratar-se-á de uma recuperação sujeita a intervenções transformadoras do espaço, como também entre vivências e relações de uma continuidade que não exclui, antes potência a transformação de uma sociedade, de forma legítima, sem querer ultrapassar o ritmo de evolução da cidade e dos seus agentes transformadores, sob pena de fracasso ou de sucesso efêmero.

A procura da singularidade, surge na tentação de romper um tecido contínuo presente na cidade maioritariamente contida numa arquitetura de repetição e de continuidade, de ritmo quase sempre lento. É, contudo, a qualidade desse tecido que torna possível a emergência do edifício singular, protagonista e intérprete de um desejo e de uma necessidade.

O projeto definiu-se a partir da análise do que muito diretamente à partida o condicionava, o exercício de observação, revelou-se prioritário, tornando mais clara a essência do projeto, que rapidamente se manifestou em conhecimento vago e instintivo. Apesar do receio de arruinar um lugar de qualidade, prevalecia a vontade de recuperar o que outrora o caracterizava. Sobressaia a vontade de um desenho sobrecarregado de segurança e serenidade, para que não se destruísse e nada destruísse, subitamente invadindo o espaço, de novo regressa ao anonimato.

Uma arquitetura que nos envolve como presença física, simples e densa, impossível de descrever ou copiar, universal e atual. O exterior torna-se arquitetura anónima e não agride. Contudo e por instantes habita a solidão da imagem que rompe, como saído de uma paisagem desfocada.



A sua geometria é simples, mas um complemento rigoroso de ínfimos detalhes. O espectador é subjugado pelo jogo poderoso dos volumes, como de um incessante ballet se tratasse. (Ver figura 27)

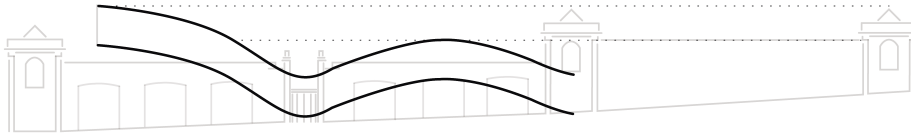


Figura 26 - Diagrama- Alinhamento com fachada existente.

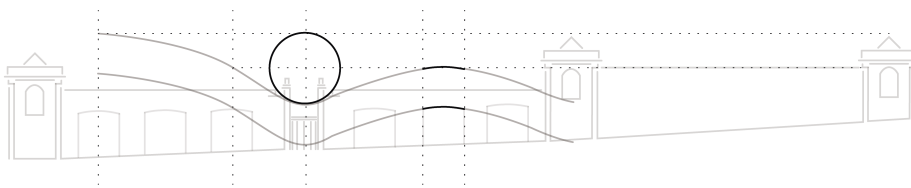


Figura 27 - Diagrama- Justificação e origem da forma.

Capaz de registar o instante, “retirando-o do efêmero sem destruir o espanto”<sup>13</sup>. Somos guiados pelos espaços. Deslizamos.

Misteriosamente existe calma na curva sinuosa que estabelece relação entre os vãos que a revelam. Move-se entre compromissos destacando-os e atribuindo-lhes dinamismo (ver figura 28). Corpo da mesma linguagem assume o mesmo desenho obsessivo, vítima de uma presença monótona no seu Alçado Sul, e um movimento sinuoso no Alçado Este (ver figura 29).

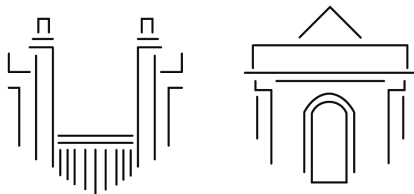


Figura 28 - Diagrama- elementos destacados em fachada..

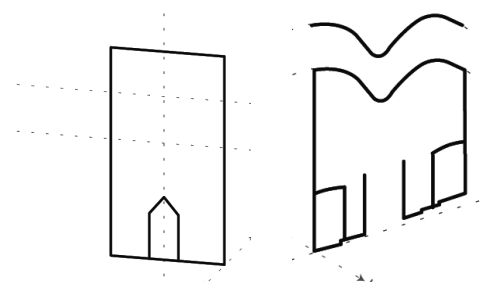


Figura 29 - Diagrama- presença monótona no Alçado Sul (esquerda) e dinâmica no Alçado Este. (direita).

<sup>13</sup> Álvaro Siza, 2009 (consultado em: *01 Textos – Civilização Editora*, em: 2017-09-09).

A sua imposição acontece na renúncia ao encastramento e ao declive, surge como contradição. (ver figura 30). Reforçada pela forma fria como interseção do passado.

Personagem com dois autores, o corpo arquitetónico exprime a vontade de se erguer novamente, movido pela força de outrora em que este se debruçava sobre a Rua Formosa libertando o pórtico e criando uma tela figurativa à vida participativa.

O valor do projeto resulta na dialética entre o passado e o presente, o tecido deslizante entoa sobre duas camadas protagonizadas pela separação azulejo/reboco que o arquiteto outrora atribuiu ao edificado (ver figura 31). Na esteira de alguns espaços públicos antigos, o espaço encerra um conjunto de caracteres formais.

Aglutinados pelos percursos que a cortina sinuosa vai tecendo através das “galerias” que emergem de uma forma simples e solene no centro. Tela branca incumbida de um círculo que por instantes aprisiona o passado e o presente, e vai ganhando a forma do amanhã.

Encarregado de cultivar a passividade do público, um buraco violento sem frente nem moldura, um buraco de repente, espécie de funil incompleto que dissimula diferentes espaços e uma rampa preciosa, banhada pela luz.

A luz favorece o repouso ou o êxtase. E a cor, branca, acompanha o variável estado de alma. Nunca é definitiva, para uma espontaneidade de um lugar que anseia por vida.

Projetar é captar um momento exato. Ancorado ao patamar superior, o edifício assume-se como continuação, percurso percorrido em que a cidade vai subindo devagar.

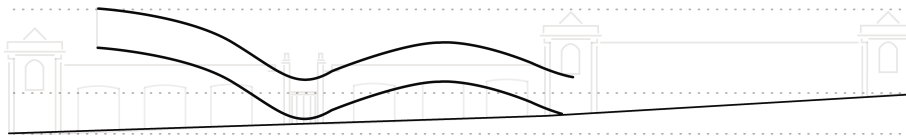


Figura 30 - Diagrama- Renúncia declive e ao encastramento.

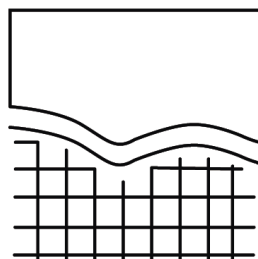


Figura 31 - Camadas protagonizadas como uma evocação à “linha de reboco” e à “linha de azulejo” presente no edificado.

### 4.1.1 \_ Mobiliário urbano

O desenho de um móvel pode não ser definitivo, prevalece o objetivo de relacionar todos os intervenientes, de tal modo que o todo e as partes se geram e influenciam mutuamente,

Não há referencias fixas, de ambiente, necessidade. Existe o corpo, qe se transforma, despido de formatações. Existe nele história de meia dúzia de formas. Poisado no chão, observam-se as formas, sombras em movimento, reflexos de reflexos, assim se alimenta o espaço.

O balcão de inox soldado, de medidas 1.00x1.00x1.00 representa o desejo de um balcão continuo ritmado pelas diversas apropriações de cada utilizador. Cada espaço é único e resultante da vontade/necessidades de cada comerciante. Composto pela sua estrutura em inox e oito peças de contraplacado de madeira, presentes no “cacifo”, (situado na base da estrutura), o balcão comporta em si várias opções de utilização. Sendo que uma delas, e assim que agrupados, formam uma estrutura, para um possível “palco” (ver figura 32 e 33).

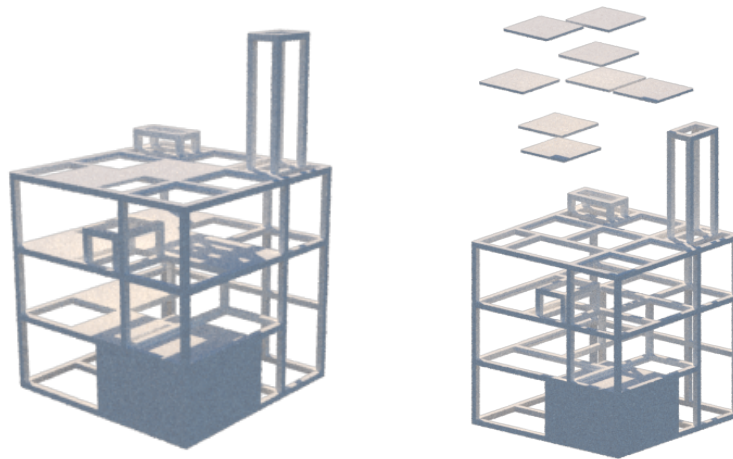


Figura 32 - Balcão de inox, com cacifo, e possibilidades de encaixe das oito peças de contraplacado de madeira.

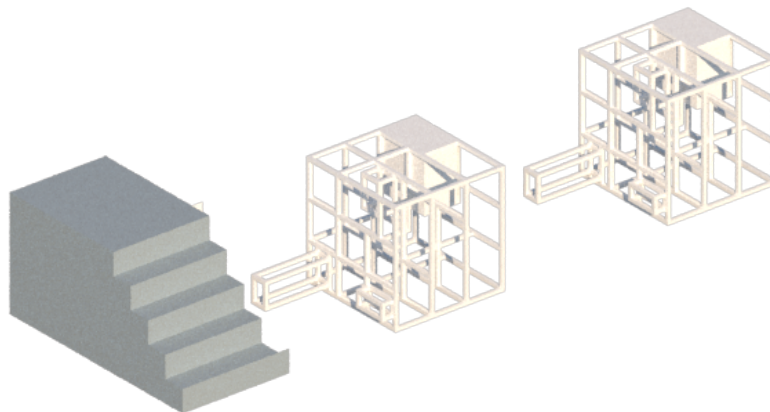


Figura 33 - Possibilidade de estrutura para “palco” assim que agrupados.

#### 4.1.2 \_ Mercado 2 de Maio

O caráter do desenho não é proporcional ao desejo de protagonismo, apenas pretende captar o momento certo, o desejo de pertencer à vida da cidade, continuidade do passado.

É urgente aproxima-los para tornar o espaço entre eles imagem.



Figura 34 - Imagem atual do Mercado 2 de Maio. (consultado em: [cm.viseu.pt](http://cm.viseu.pt) em: 2017-09-15).

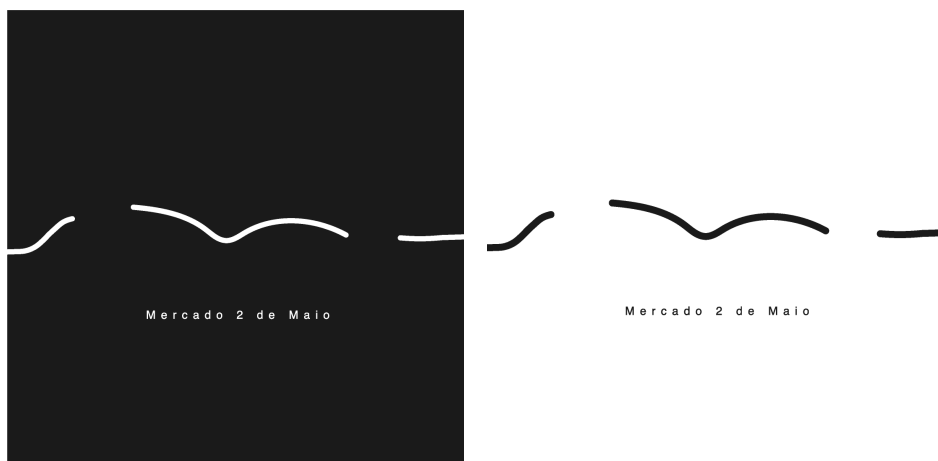


Figura 35 - Nova imagem proposta, versão preto fundo, e branco fundo.

## 4.2 \_ Sistema construtivo

A inserção do objeto arquitetónico, procurou intervir o mínimo possível no local, de forma a minimizar possíveis danos no existente. Sendo que a única alteração prevista no projeto, consta por alterar a rampa situada entre os patamares, e reforçar a ideia de encastramento e continuidade do patamar à cota mais alta para a cobertura transitável, através da elevação um muro em forma em tijolo de 00.07cm rebocado a tinta branca. (ver figura 36)

Para tal, o objeto arquitetónico aliou-se a uma estrutura previamente concebida em Aço, (00.60 Espessura x 25.00 Largura x 50.00 Comprimento) por um sistema de barras conetadas a um nó esférico por meio de parafuso e rosca. (ver figura 37).

De forma a adaptar-se à estrutura em aço recorreu-se a um revestimento de fachada exterior e cobertura, um tipo de construção modular que recorre a painéis GRC<sup>14</sup>.

Betão reforçado com fibra de vidro, (BRFV), de vasta aplicação. Este material assume a sua materialização como “pele” de toda a superfície exterior na proposta apresentada devido à sua durabilidade e resistência. De forma à mesma, ser assente numa estrutura metálica e de modo a evitar oscilações, as peças seriam fabricadas de forma individual através de um sistema de cofragem. Como elo de ligação, os painéis seriam dotados de uma armadura, que providenciaria a fixação à estrutura através de parafusos e roscas aos nós esféricos. (ver figura 38)

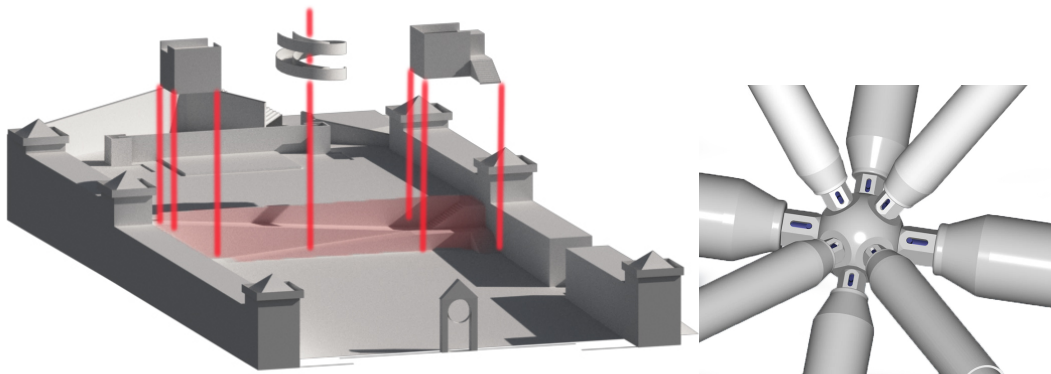


Figura 36 - Alteração Rampa entre os dois patamares, e criação de duas torres, simétricas às existentes.

Figura 37 - Sistema de encaixe de barras, através de nós esféricos. (consultado em: Mero\_knoten Grafik, em: 2017-09-20)

<sup>14</sup> GRC – Glass Fiber Reinforced Concrete – (consultado em: engenharia.mota-engil.pt em: 2017-09-10).

O revestimento interior, será realizado através de painéis *Pladur Flexiform*<sup>15</sup> devido aos multicortes contidos na face interior, não à vista, facilitando desta forma a que se possam adaptar à curvatura desejada. A ligação entre as barras da estrutura metálica e os painéis, será providenciada por “zonas de remate” em chapa de zinco.

O mobiliário urbano proposto, de medidas 1.00x1.00x1.00 converge múltiplas utilidades, com o intuito de promover o diálogo entre “feirantes” e comerciantes, cada balcão é possuidor de uma identidade, por cunho do próprio vendedor. A peça, fabricada previamente em inox (soldado), contem um pequeno “cacifo” dotado de 8 peças de madeira contraplacada (00.30x00.30x0.03) onde cada comerciante é livre de escolher a disposição.

O piso exterior limitado pelas “linhas de água” já existentes, será em saibro, tal como a sua construção em 1834. O piso abrangente à zona protegida pela cobertura absorve a materialidade de betão polido.

Por fim, as Magnólias pertencentes ao espaço, devido à impossibilidade de as manter, serão removidas para o Jardim das Mães, local bastante próximo do Mercado 2 de Maio.

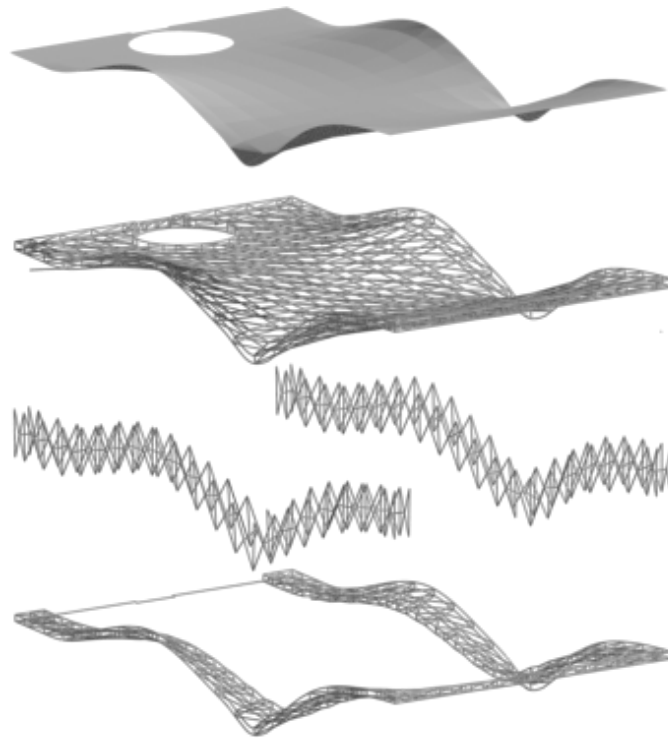


Figura 38 - Sistema estrutural proposta.

<sup>15</sup> *Pladur Flexiform* – 13x1.200x2.600, Normativa EN-14190 (consultado em: pladur.pt em 2017-09-19)

## Capítulo V - Considerações finais

A proposta de intervenção arquitetónica exposta na presente dissertação visa promover o debate, entre as principais entidades, arquitetos e opinião pública no geral, de forma a angariação de soluções inovadoras e eficazes que contribuam para a dinamização nos centros históricos. Esta é uma proposta que pretende representar algo mais do que uma materialização passiva, rejeitando a simplificação dessa realidade.

Todo o processo projetual desenrolou-se por um percurso, influenciado pelo encontro entre origens diferentes, entre concepções opostas. Apesar da evidente impossibilidade de dominar a infinidade de campos do saber envolvidos, esteve presente o desejo de uma proposta assente no impulso da evolução cultural e da multiplicidade de relacionamentos. “a arquitetura do presente tornada histórica”<sup>16</sup> reapropriando a sua essência no seu papel memorial, sendo este o único meio de que dispomos para conservar vivo um laço com o passado ao qual devemos a nossa identidade.

A Proposta apresentada não pretende ser protagonista absoluto, o mesmo assume uma grande disponibilidade para qualquer relação com o existente, coloca em jogo o mesmo desvio de atenção, a mesma transferência de valores pela inserção de presente no passado, sob a forma de um objeto construído. Nesta simbiose imposta está implícita o facto de o interesse suscitado pela obra do presente se repercutir sobre a obra existente, estimulando assim uma dialética entre elas.

Assim, a instalação da cobertura, e do parque de estacionamento subterrâneo procura o reavivar e dinamizar da praça histórica de Viseu, dotando-a das condições de usabilidade e conforto necessárias para a realização de eventos e mercados durante todo o ano. De forma, a impulsionar e fomentar a sustentabilidade dos negócios e atividades locais ali instalados, gerando expectativas para um futuro promissor.

a cobertura Permite compreender a razão da sua memória, perdida a função que lhe deu origem, e apesar disso. “Repõe a verdade e, contudo, mente.”<sup>17</sup>

A presente dissertação será entregue ao cuidado do Excelentíssimo Senhor Presidente da Camara Municipal de Viseu, bem como a maquete, para sua apreciação global.

Como filho da terra, deixo o meu humilde contributo, prova essa de que o Futuro sé se controli alicerçado ao Passado. Fica a intima vontade de ver realizada uma proposta de revitalização para o Mercado 2 de Maio.

---

<sup>16</sup> Françoise Choay, 1982 (consultado em: *Alegoria do Património – edições 70*, em: 2017-09-15).

<sup>17</sup> Álvaro Siza, 2009 (consultado em: *01 Textos – Civilização Editora*, em: 2017-09-15).

## Capítulo VI - Bibliografia

GEHL, Jan; GEMZOE, Lars. Novos Espaços Urbanos.

AMARAL, Franciscu Pires Keil; BÁRBARA, José Santa. Mobiliário dos Espaços Urbanos em Portugal.

CALATRAVA, Santiago. Public Buildings. JODIDIO, Philip. Santiago Calatrava.

LYNCH, Kevin. A Imagem da Cidade.

CHARLESON, Andrew W. Structure As Architecture. A source book for architects and structural engineers.

CHILTON, John. Space Grid Structures. Architectural Press.

MACDONALD, Angus J. Structural Design for Architecture. Architectural Press.

REIS, Maria Manuela Brito. Cidadania e património. Os novos direitos de cidadania, o espaço público e os processos de patrimonialização na sociedade portuguesa. ISCTE IUL - Departamento de Sociologia. Instituto Universitário de Lisboa.

CHOAY, Françoise. A Alegoria do Património , Édition du Seuil, 1982, 1996 e 1999.

SIZA, Álvaro. 01 Textos, Edição de textos por Carlos Campos Morais.